

# **DISCURSOS CONTEMPORÂNEOS:**

SAÚDE, EDUCAÇÃO, POLÍTICA E INTERSECCIONALIDADES

Micheline Mattedi Tomazi

Ariel Sessa

(Organizadores)

---

# SUMÁRIO

## **APRESENTAÇÃO** \_\_\_\_\_ 7

*Micheline Mattedi Tomazi  
Ariel Sessa*

## **PREFÁCIO – Discursos contemporâneos: saúde, educação, política e interseccionalidades** \_\_\_\_\_ 11

*Viviane Vieira*

## **O CASO “DRAUZIO VARELLA”** \_\_\_\_\_ 15

*Anderson Ferreira*

## **DAS CONDIÇÕES DISCURSIVAS DO BOLSONARISMO: AGENCIAMENTO DE VALORES DISPERSOS PARA CONFORMAÇÃO DA DIREITA CONSERVADORA** \_\_\_\_\_ 31

*Laion Loester de Paula Dias Gonçalves  
Danie Marcelo de Jesus*

## **DISCURSOS, LETRAMENTOS E FORMAÇÃO COM PROFESSORES EM TEMPOS DE INFLUENCIADORES DIGITAIS** \_\_\_\_\_ 61

*Daniel Ferraz  
Fabricio Ono*

## **A REPRESENTAÇÃO DA BRANQUITUDE E A CONSTRUÇÃO DE MODELOS MENTAIS NO DISCURSO JORNALÍSTICO ONLINE** \_\_\_\_\_ 85

*Daniele de Oliveira (UFBA)*

**LINGUAGEM, GÊNERO E DIREITOS DAS MULHERES NO  
DISCURSO DO TJSC\_\_\_\_\_107**

*Débora de Carvalho Figueiredo*

*Maikel de Almeida Bonato*

**INTERAÇÃO E INTERDISCURSIVIDADE NO ENSINO DE LEITURA E  
ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA\_\_\_\_\_129**

*Jarbas Vargas NASCIMENTO*

*Rosângela CARREIRA*

**FRAGMENTOS DO DISCURSO POLÍTICO CONTEMPORÂNEO  
NO BRASIL: NACIONALISMO, COMBATE À CORRUPÇÃO OU  
ANTIESQUERDISMO?\_\_\_\_\_155**

*Luís Fernando Bulhões Figueira*

**ANÁLISE SEQUENCIAL MULTIMODAL DO GERENCIAMENTO DA  
FALA SOBREPOSTA EM UMA ENTREVISTA TELEVISIVA\_\_\_\_\_175**

*Roberto Perobelli*

**SOBRE OS AUTORES\_\_\_\_\_199**

# DISCURSOS, LETRAMENTOS E FORMAÇÃO COM PROFESSORES EM TEMPOS DE INFLUENCIADORES DIGITAIS

Daniel Ferraz

Fabricio Ono

## Introdução

*it's times like these you learn to live again  
it's times like these you give and give again  
it's times like these you learn to love again  
it's times like these time and time again*  
(Foo Fighters)

A canção do *Foo Fighters* pode ser interpretada como uma esperança de ressignificarmos a vida diante do agora, o que pode parecer reconfortante quando escutamos os versos em conjunto com a melodia e a intensidade das imagens no vídeo clipe<sup>1</sup>. No entanto, diante da calamidade social escancarada e avassalada por ações governamentais cada vez mais caracterizadas por biopoder, necropolíticas, pós-verdades e polarizações ideológicas, somados a uma aparente inércia da população, é nas redes sociais que, por um lado, encontramos inúmeras formas

1 <https://www.youtube.com/watch?v=rhzmNRtIp8k>

de entretenimento, mas por outro, os perigos de estarmos sujeitos a discursos que reforçam estereótipos, desigualdades, xenofobia, homofobia, incitação à violência e muitas outras questões que ultrapassam qualquer limite ético e moral.

Nesse sentido, Castells (1999, p. 497) afirma que “as funções e processos dominantes na era da informação estão organizados, cada vez mais, em torno de redes”. Por isso, o foco, nesta discussão, parte de discursos advindos dos influenciadores digitais, os quais monetizam em cima de suas postagens nas redes sociais, movimentam milhões de pessoas por meio do uso de múltiplas linguagens e, muitas vezes, atuam como difusores de uma ética nada favorável para a sociedade brasileira, assegurando aquilo que Arendt (2012) chamou de superfluidade de encarceramento das massas. Similarmente, esses discursos de encarceramento das massas são utilizados pela maioria dos representantes atuais da política do Estado e lhes dão o status de “influenciadores oficiais” nas redes sociais. De forma análoga, reafirma-se o papel do Estado como instituição que serve a classes dominantes e no qual o homem é:

escravo da máquina social, o burguês dá o exemplo, absorve a mais-valia para fins que, em seu conjunto, nada têm a ver com seu gozo: mais escravo do que o último dos escravos, primeiro servidor desta máquina esfomeada, besta de reprodução do capital, interiorização da dívida infinita. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 337)

Entende-se, nessa proposta, que os estudos de letramentos e formação de professores, atravessados pelas máquinas desejanter (DELEUZE e GUATTARI, 2010) e pelos estudos de constituição da subjetividade (ŽIŽEK, 1991, 2006 e 2010), podem expandir as problematizações no campo educacional, principalmente no que se refere às questões de ética e cidadania, diante de um exercício político no qual possamos “abrir um novo espaço para o pensamento, um pensamento para além das coordenadas padrões de nossa política existente. Em uma palavra,

cumpre subjetivar a própria esfera objetiva que nos subjetiva (ou aliena)” (FONSECA, 2016, p. 44).

Assim, neste capítulo, iniciamos com uma discussão sobre linguagem e os discursos da era digital, sempre entrelaçando com exemplos de discursos da cultura digital, foco desta pesquisa. Sugerimos, ainda, o conceito de máquinas desejantes de Deleuze a Guattari como algo potente para pensarmos as relações propiciadas pelo mundo digital contemporâneo. Na segunda seção, discutimos educação, educação linguística e formação na era digital, mostrando que os discursos de influenciadores digitais não estão tão distantes das realidades de nossos alunos. Além disso, mostramos que é preciso reformarmos filosoficamente os nossos pensamentos em relação ao educar na era digital, principalmente quando pensamos em sociedades com características tipográficas e lineares e pós-tipográficas e digitais.

## **1 Respeitável público, aplaudam nossos protagonistas: A linguagem e os discursos da era digital**



Fonte: Imagem da internet<sup>2</sup>

Se voltássemos no tempo, até duas décadas atrás, os memes, por exemplo, eram aquelas folhas fotocopiadas, com desenhos mal arrematados, reproduzidos e espalhados nas diversas esferas do conví-

<sup>2</sup> Disponível em <https://makeameme.org/meme/o-discurso-emocionoume>. Acesso em: 18 out. 2021.

vio social e que, quando observados de um determinado ângulo, apresentavam uma determinada imagem e por outro, algo completamente diferente. Tratava-se apenas de uma ilusão de ótica, conforme afirma Battaglia (2008), algo que pode ter começado com o cartunista britânico William Ely Hill 1888<sup>3</sup>. No desenrolar dessa evolução, muita coisa já foi expandida, engatada pelas forças provenientes do “mundo virtual” nas sociedades contemporâneas. Segundo Furtado (2019, p. 106),

Com a popularização da internet, as redes sociais destacam-se como uma nova ferramenta de diálogo interativo, muito próximo, em suas características, dos gêneros primários formados nas condições da comunicação discursiva imediata, como, por exemplo, as réplicas do diálogo cotidiano”, porém, agora, em mundos totalmente virtuais.

Dessa forma, hoje em bodas de prata com os estudos da linguagem, o *New London Group* (1996) já apontava para os desafios das multiplicidades de linguagens na era digital, propondo uma pedagogia de multiletramentos. Assim é que “O mundo da comunicação é agora constituído de maneiras que torna imperativo destacar o conceito de design, ao invés de conceitos como aquisição, ou competência, ou crítica”<sup>4</sup> (KRESS, 2003, p.) na composição do cenário “multimodal” das interações humanas. A era digital, como algo multi e sinestésico (mistura de sensações e diversos designs/modos, muitas vezes simultâneos), propõe que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como ‘sujeito’; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (Benveniste, 2005, p. 286). Isso nos leva a pensar que o acesso a camadas profundas de nossa subjetivi-

3 Desenhou para uma revista de humor com o título “My Wife and My Mother-in-Law” (“Minha esposa e minha sogra” em português). Disponível em <https://super.abril.com.br/comportamento/moca-ou-velha-o-que-voce-ve-nesta-imagem-pode-indicar-sua-idade/>. Acesso em: 25 jan. 2021.

4 The world of communication is now constituted in ways that make it imperative to highlight the concept of design, rather than of concepts such as acquisition, or competence, or critique.

dade, ou seja, se nos constituímos na e pela linguagem e a temos como objeto de estudo, o que nos falta para enfrentar a convivência com aquilo (e aqueles) que escorrega(m) das mãos no mundo virtual e o mesmo tempo funda(m)-se a partir dessa mesma convivência?

Ainda segundo Kress (2003), o mundo da narração é um diferente de sua representação e esse raciocínio é edificante em inúmeros estudos de linguagens. Porém, ainda não suficientes para esgotar as consequências dos usos das mesmas, que escapam das mãos, se olhados sob lógicas racionais e positivistas das ciências humanas. Por exemplo, podemos pensar na provocação imposta pela imagem a seguir:

Imagem 1- Minha esposa e minha sogra

Fonte: Captura de tela feita pelos autores<sup>5</sup>



Cartão postal alemão do século 19, já com a famosa ilusão Domínio Público/Wikimedia Commons

Você, leitor, enxergou a esposa ou a sogra? Em outro exemplo, o alerta de Jenkins acerca dos desdobramentos e consequências de uso da imagem da personagem Beto de Vila Sésamo em 2001, no qual o pesquisador dava boas-vindas a cultura da convergência, “onde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (JENKINS, 2009, p. 15). Isso sinaliza os possíveis perigos causados pela velocidade e dimensão propor-

5 Disponível em <https://super.abril.com.br/comportamento/moca-ou-velha-o-que-voce-ve-nesta-imagem-pode-indicar-sua-idade/>. Acesso em: 25 jan. 2021.

cionadas pela Internet, que podem desencadear e aumentar os conflitos interpretativos (é a sogra ou a esposa, ou ambas?), por meio de discursos “digitais” imbuídos em uma engrenagem disponível 24 horas por dia, 7 dias por semana.

Por isso insistimos que o campo da cultura digital é formado por discursos potentes dentro dos estudos da linguagem; estes discursos “digitais” convocam novos pensamentos, pois, quando inseridos no campo dos letramentos na era digital e calcados na perspectiva semiótica e psicológica, defendem que “o aprendizado e a representação / comunicação são processos ativos dinâmicos, distantes de noções inertes como ‘aquisição’.”<sup>6</sup> (KRESS, 2003, p. 32). Tais discursos digitais carecem de uma perspectiva não representacional do objeto de estudo (BARAD, 2007; DELEUZE; GUATTARI, 2007). Dessa forma, uma interpretação de cunho meramente cognitivo não contemplaria e nem daria conta do fato de que “Essa atividade está saturada de afeto e emoção” (*Ibidem*).

Nas discussões levantadas, relidas no recorte espaço-tempo-contexto atual, vemos uma insuficiência de análise se a ancorarmos apenas pela ótica representacional-cognitiva, pois há um atravessamento no e pelo uso das linguagens em atividades imprevisíveis e incertas, entre o físico e o virtual. Nesse viés, onto-epistemológico, sugerimos discutir o discurso como desejo, este último entendido como algo dinâmico, ao mesmo tempo coletivo e individual, como se numa máquina-órgão desejante conectada a outras máquinas:

Sem dúvida, cada máquina-órgão interpreta o mundo inteiro segundo seu próprio fluxo, segundo a energia que flui dela: o olho interpreta tudo em termos de ver – o falar, o ouvir, o cagar, o foder... Mas sempre uma conexão se estabelece com outra máquina, numa transversal em que a primeira corta o fluxo da outra ou “vê” seu fluxo ser cortado pela outra máquina [...] O produzir está sempre inserido no produto, razão pela qual a produção desejante é produção de pro-

---

6 [...] both learning and representing/communicating into dynamic active processes, far removed from inert notions such as ‘acquisition’.

dução, assim como toda máquina é máquina de máquina. Não podemos nos contentar com a categoria idealista de expressão. (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 15)

A máquina desejante como produção de produção se assemelha ao que é feito por muitos usuários, como por exemplo fazem os jovens na rede social *Tik Tok*, que tem como principal objetivo a produção a partir de uma produção: “voltado exclusivamente para a gravação e publicação de vídeos curtos, que podem ter de 15 a 60 segundos, tendo a dublagem como foco principal.” (FERNANDES, 2018, s/p). Esse é apenas um exemplo no qual podemos reconhecer a força e o poder da produção desejante, conectada por máquinas-órgão e impulsionada pelos algoritmos das redes sociais. Essa produção e consumo desejantes colaboram com a construção/constituição de indivíduos fígados por estratégias aparentemente simples, homogeneizadoras e calculadas em favor do capital: um indivíduo que ora se identifica com histórias de vidas similares a sua e ora se sente seduzido por fantasias que alcançam seus desejos.

Os pensamentos de Žižek (2006) sobre a força do capitalismo nos desejos (campo da subjetividade humana e objeto de inúmeras discussões e divergências científicas) favorecem o raciocínio traçado aqui sobre o efeito dos discursos dos influenciadores, muitas vezes representados por uma fabricação de ilusões nos *posts* de suas redes sociais:

No entanto, o que é preciso acrescentar de imediato é que o desejo encenado na fantasia não é do próprio sujeito, mas o desejo do *outro*, o desejo daqueles à minha volta com quem interajo: a fantasia, a cena ou cenário fantasístico, é uma resposta para: “Você está dizendo isto, mas *o que você realmente quer dizer?*” A questão original do desejo não é diretamente “Que quero eu?”, mas “O que querem os *outros* de mim? O que veem eles em mim? O que sou para esses outros?” (ŽIŽEK, 2010, p.63)

Assim é que tentativas que corrompam as máquinas desejantes, que funcionam incessantemente nas redes, não podem ser impulsionadas por uma “fé na força performativa da ilusão ideológica” (Žižek, 2006, p. 198). Talvez a cultura da convergência apontada por Jenkins (2009) e as possibilidades infinitas do mundo digital estejam nos levando a uma Paideia, formada “por grandes figuras: o herói, o gênio, o santo” (MAFFESOLI, 2010, p. 287), quais sejam, os influenciadores digitais. Corroborar-se, assim, o entendimento de que as “redes constituem a nova morfologia social das atuais sociedades, e a difusão da lógica de rede modifica substantivamente a operação e o resultado dos processos produtivos, experiência, poder e cultura” (CASTELLS, 1999, p. 47). Portanto, falar de linguagens significa adentrarmos outras epistemologias e advogarmos por um novo/outro pensamento.

A proeminência do papel e alcance dos “influenciadores” digitais compõe parte de um “exército” que se configura como uma força armada de um neoliberalismo nutrido pelo acesso aos aparatos eletrônicos e ferramentas digitais, as quais, embora disponíveis para a uma parte da população, funcionam de acordo com os interesses do poder e do capital. A mobilização dos “exércitos digitais” atinge até mesmo o mercado de ações (Fig.2).

Imagem 2 - O caso *GameStop*

## **GameStop: entenda como um grupo de pequenos investidores combinou em um fórum a disparada das ações da empresa**

Num movimento orquestrado em um fórum do Reddit, investidores fizeram as ações da rede de lojas de videogames disparar. Nesta quarta-feira (27), os papéis tiveram alta de 134%.

Por G1

27/01/2021 16h01 - Atualizado há um dia



## 'Caso GameStop' inspira movimento especulativo no Brasil e afeta preços de ações

Investidores da resseguradora IRB Brasil organizaram uma compra em massa das ações para trazer de volta o dinheiro de investidores institucionais; o mesmo aconteceu nos EUA com valorização de 1.800% da empresa GameStop; analistas duvidam que valorização se repita.

Por Raphael Martins, G1  
28/01/2021 16h49 - Atualizado há um dia



Fonte: Captura de tela feita pelos autores–Portal de notícias G1<sup>7</sup>

O caso *GameStop* demonstra como o mercado de ações pode ser alterado a partir de uma rede social, no caso, o *Reddit*. Voltando ao desejo, há uma força dominante que leva muitos jovens a almejar a conquista de “um lugar ao sol” como influenciadores digitais, seja sob o título de “blogueirinho”, “famosinho do insta” ou “vitorioso gamer”. Paradoxalmente, o desejo de popularidade, em suas “vidas digitais”, é praticamente inalcançável pela maioria da população em um país como o Brasil, onde mais de 52 milhões de pessoas vivem na pobreza.

Assim, torna-se iminente discutir o fato de que a “realidade exibida”, para todos os gostos, de forma “natural”, influencia diretamente os desejos e acarreta um enorme desserviço social: trata-se de discursos sem responsabilidade ética e moral, ainda que haja influenciadores que tentem apresentar um outro lado da moeda. As polêmicas da venda de um gel redutor por uma influenciadora de grande alcance e da morte de outra influenciadora podem nos ajudar a compreender o desserviço social supracitado:

7 Montagem feita com manchetes do portal G1. Disponíveis em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/01/27/gamestop-a-empresa-que-passou-de-us-13-bi-para-us-224-bi-na-bolsa-dos-eua-este-ano.ghtml> e <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/01/28/caso-gamestop-inspira-movimento-especulativo-no-brasil-e-afeta-precos-de-acoes.ghtml>. Acesso em: 28 jan. 2021.

### Imagem 3 – Notícias sobre influenciadores

CELEBRIDADES CELEBRIDADES

## Ex-BBB Flayslane é detonada por fazer “publi” de gel redutor após lipo lad

Seguidores questionaram influenciadora por fazer propaganda de produto, exibindo resultado de cirurgia

RANYELLE ANDRADE

30/01/2021 12:07 ATUALIZADO 30/01/2021 12:07

## Influenciadora que morreu após lipoaspiração foi chamada de 'manhosa' por enfermeira

Liliane Amorim teve o intestino perfurado em dois pontos durante o procedimento estético e família alega negligência médica

Do R7 27/1/2021 às 11h25

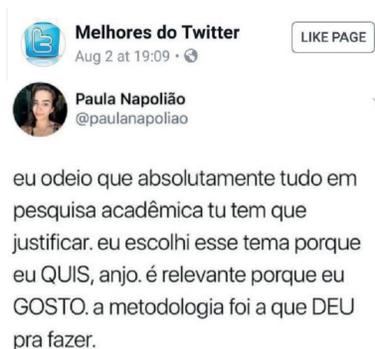
Fonte: Montagem dos autores<sup>8</sup>

Resumidamente, nesta seção buscamos problematizar a linguagem da era digital defendendo que precisamos de outras categorias de análise para entendermos a complexidade, multiplicidade, alcance e influência dos discursos digitais. Nesse sentido, propusemos que os discursos de desejo, como máquinas-órgão que produzem sobre o produzido, interpretam (e desejam) o mundo subjetivamente, mas também coletivamente. Propusemos, ainda, que tais discursos digitais são movidos pelo e a favor do capital, em uma lógica neoliberal quase indestrutível. Os discursos dos influenciadores digitais, os quais, em sua maioria, prestam desserviços sociais quando pensamos em uma sociedade mais equânime, são exemplos da complexidade que o mundo digital nos apre-

8 Montagem realizada por meio de capturas de telas disponíveis em <https://www.metropoles.com/celebridades/ex-bbb-flayslane-e-detonada-por-fazer-publi-de-gel-redutor-apos-lipo-lad> e <https://recordtv.r7.com/cidade-alerta/fotos/influenciadora-que-morreu-apos-lipoaspiracao-foi-chamada-de-manhosa-por-enfermeira-27012021#!/foto/1>. Acesso em: 30 jan.2021.

senta. E quando pensamos na educação de jovens, a linguagem contemporânea da era digital pode se tornar uma personagem que assombra qualquer educador que acredita no “poder potencialmente transformador da educação na vida do indivíduo”, um poder que repensa “o ‘compromisso, abertura, admiração [e] paixão ‘de aprender’” (TAYLOR, 2016, p. 421).

## 2 Respeitável educador: precisamos conversar mais sobre as redes e influenciadores digitais



Fonte: Twitter: Melhores do Twitter

No mundo analógico e linear da educação há uma pressão pela aquisição e utilização de aparatos tecnológicos e as discussões educacionais sobre linguagem na era digital praticamente se resumem à pressão mercadológica de se oferecer uma proposta tecnológica e contemporânea. Há, ainda, uma “roupagem estilosa” estampada por termos como ensino híbrido, sala de aula invertida, assistente virtual, aplicativos para pais e alunos, etc. Isso resulta, possivelmente, em uma ilusória impressão de que educação e novas tecnologias digitais caminham juntas (a pandemia da COVID-19 nos mostrou que não é bem assim!).

Por outro lado, há uma disputa entre um sistema educacional, mormente tradicional, e alunos armados com seus dispositivos eletrônicos que são utilizados ubiquamente (em quase todos os contextos,

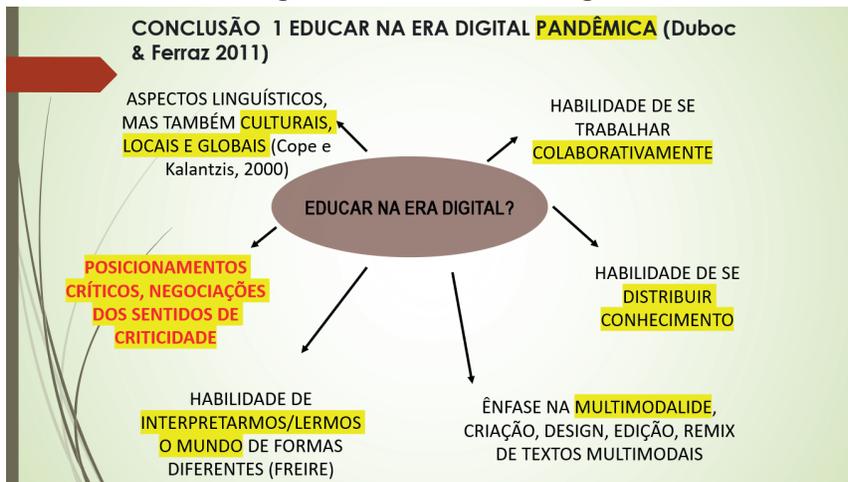
o sistema educacional ganha essa disputa, restando aos alunos o uso escondido de seus celulares embaixo das carteiras). Nas OCEM-LE, Monte Mór e Menezes de Souza (BRASIL, 2006) vem advogando em prol de uma reforma educacional, que envolve uma reforma na maneira de pensar e ver o mundo. Ainda nas OCEM-LE, os mesmos autores asseveram que

As propostas epistemológicas (de produção de conhecimento) que se delineiam de maneira mais compatível com as necessidades da sociedade atual apontam para um trabalho educacional em que as disciplinas do currículo escolar se tornam meios. Com essas disciplinas, busca-se a formação de indivíduos, o que inclui o desenvolvimento de consciência social, criatividade, mente aberta para conhecimentos novos, enfim, uma reforma na maneira de pensar e ver o mundo. (BRASIL, 2006, p. 90)

Caro leitor, se estamos, em muitos contextos, promovendo e reforçando uma tradição educacional reprodutivista, linear, fragmentada e acrítica, como podemos superar o debate sobre a educação de jovens e adultos na era digital, pensando na necessidade de uma reforma do pensamento?

Responder a essa questão não é tarefa fácil. Entretanto, a pandemia da COVID-19 escancarou muitas de nossas fragilidades: somos mesmos, educadores da era digital? Mesmo antes da pandemia, vimos pesquisando as relações entre educação e novas tecnologias. Desde 2011, temos defendido que educar linguisticamente na era digital significa pensar em dimensões que vão muito além da instrumental (saber ligar e desligar o computador):

Imagem 4 – Educar na era digital



Fonte: Produzida pelos autores, a partir de Duboc e Ferraz, 2011

E, ainda, perceber que, embora vivenciemos uma sociedade também altamente linear e tipográfica, muitos de nossos alunos exigem outras práticas, características de uma sociedade pós-tipográfica, digital e multimodal:

Imagem 5 – Sociedades tipográficas e pós-tipográficas



Fonte: Produzida pelos autores, a partir de Duboc e Ferraz, 2011

Assim é que as redes sociais têm nos convidado a repensar as sociedades tipográficas. Se analisarmos as características da sociedade pós-tipográfica, veremos que a distribuição (rápida) dos conhecimentos (e desserviços), a autoria ubíqua e colaborativa, o compartilhamento de ideias, a performance (ou seja, o aprender fazendo) e as escritas e leituras multimodais estão presentes na comunicação das redes. Obviamente não podemos nos esquecer que tudo isso é feito por meio de algoritmos e big data coordenados por visões neoliberais de sociedade.

Destarte, como a educação e a educação linguística têm lidado com essas novas relações? Se no contexto educacional, a constituição dos sujeitos críticos ainda é um desafio, é inegável o efeito, na vida dos estudantes daquilo que é exibido nas telas de seus celulares ou computadores. Antes, as possibilidades eram apenas analógicas, vinculadas também à mobilidade física, mas agora, expandem-se pela digitalidade.

Nessa digitalidade, há uma neoterritorialização acessível a todas as tribos, em que as “territorialidades modernas são extremamente complexas e variadas” (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 341). Isso porque não é preciso ter um equipamento de última geração ou mesmo acesso privado e pago à internet: hoje em dia, as redes *wi-fi* estão em quase todos os lugares e garantem acessibilidade a mundos/terrenos ilimitados. Um exemplo dessa neoterritorialização (principalmente das relações entre o mundo físico e digital) vem de garotos do interior do Maranhão, habitantes do povoado de Centro dos Rodrigues, com menos de dez mil habitantes e que possuem mais de um milhão de seguidores no Instagram e Youtube. Esses seguidores foram conquistados pela criação de paródias musicais com os elementos que lhes são disponíveis. Certamente, não foi só a habilidade criativa de uso das linguagens que os incentivou e os fez viralizar. É perceptível o desejo de sucesso (e talvez, monetização), mas isso não se esgota em um produto; esses meninos atingem

outras camadas do sujeito por meio da potência realizada na e pelas lin-

CULTURA

Fundo de Quintal OFC: jovens do Maranhão fazem covers e conquistam Brasil



Fundo de Quintal OFC  
Imagem: Divulgação

guagens nessa busca de novos e outros territórios.

Imagem 6 – Fundo de Quintal OFC

Fonte: Captura de tela feita pelos autores

Em outro exemplo, Ney Lima, nascido e criado em uma comunidade rural no interior da Bahia, conquistou uma legião de seguidores. Recentemente, um de seus vídeos, paródia da vinheta de ano novo da Rede Globo, teve tanto alcance nas redes sociais que emissora de TV o entrevistou em um dos seus programas mais importantes, o dominical Fantástico. No entanto, é importante ressaltar que Ney se inspirou em outros sujeitos detentores de fama nas redes sociais, como Whinderson Nunes (mais de 40 milhões de seguidores no Youtube atualmente). Isso reforça a hipótese de que o produto exibido nas telas se infiltra em outras camadas da subjetividade muitas vezes não expressos ou silenciados nas narrativas das redes sociais. Reforça, ainda, a nossa interpretação de que a filosofia neoliberal (neste caso, um indivíduo, en-

tre milhões, que “lutou e venceu”) é força motriz das redes sociais e re-

## **De catador de lixo a 'astro na web', jovem bomba com posts sobre rotina humilde e alcança mais de 2,6 milhões de seguidores**

Claudinei Lima, ou “Ney Lima”, como prefere ser chamado e como hoje é bastante conhecido, mora com a mãe em comunidade rural do município de Serrinha, na Bahia.

Por Alan Tiago Alves, G1 BA  
14/05/2018 07h00 - Atualizado há 2 anos



lações digitais.

Imagem 7 – Ney Lima

Fonte: Captura de tela feita pelos autores<sup>9</sup>

Concomitantemente à fama, a engrenagem das redes sociais usa a efemeridade da cultura do cancelamento, que é um termo utilizado para representar atitudes de repulsa, em massa, de usuários de redes sociais quanto ao descontentamento com alguma atitude que rompa barreiras ideológicas, éticas, morais ou de cidadania, de um influenciador. Porém, a velocidade do espaço-tempo do mundo digital, muitas vezes impossibilita prosseguirmos no debate levantado pela atitude que causou o cancelamento, isto é, na mesma rapidez em que se instaura o cancelamento, ele se esvazia de sentido caso haja outro evento “mais significativo”, da mesma pessoa ou outra, nos territórios digitais. Um exemplo dessa discussão é o influenciador Felipe Neto, que com os seus quase 40 milhões de seguidores, vive a cultura do cancelamento por parte de pessoas com orientação de extrema direita, todas as vezes que se posiciona contra o governo Bolsonaro. O influenciador também provocou discussões intensas na educação, principalmente na área de literatura:

<sup>9</sup> Captura feita do portal de notícias G1. Disponível em <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/de-catador-de-lixo-a-astro-na-web-jovem-bomba-com-posts-sobre-rotina-humilde-e-alcanca-mais-de-26-milhoes-de-seguidores.ghtml>. Acesso em: 28 jan. 2021.

Imagem 8- Felipe Neto e Literatura

 **Felipe Neto**  @felipene... · 3d

Forçar adolescentes a lerem romantismo e realismo brasileiro é um desserviço das escolas para a literatura.

Álvares de Azevedo e Machado de Assis NÃO SÃO PARA ADOLESCENTES! E forçar isso gera jovens que acham literatura um saco.

[Mostrar esta sequência](#)

Fonte: Captura de tela realizada pelos autores<sup>10</sup>

Pensando na potência e circulação que o influenciador advoga ter, de que adiantaria uma resposta dada por um especialista em literatura à polêmica levantada por Felipe Neto? Pode até ser que, surpreendentemente, essa resposta ganhasse algum alcance, mas o espaço-tempo para discussão se desvaneceria na força produzida por outro evento ou polêmica. Ainda assim, os resultados desse tipo de postagem são concretos e, embora tenhamos que respeitar a interpretação de Felipe Neto sobre Álvares de Azevedo e Machado de Assis, o desserviço foi realizado e registrado.

E o que todos esses exemplos têm a ver com a educação e educação linguística? Precisamos conversar sobre esses influenciadores digitais? Na seara de formação de professores de linguagens, ambiente no qual parece haver um domínio epistemológico do que se discute e o que se faz, seria possível travar uma “guerra” com pessoas que influenciam até mais de um sexto da população brasileira?

---

10 Captura de tela realizada pelo autor da página do *Twitter* de @felipeneto. Acesso em: 25 jan. 2021.

## Imagem 9 – O poder pelos milhões de seguidores

### 2º LUGAR – WHINDERSSON NUNES

O segundo lugar da lista de maiores canais com inscritos por aqui é ocupado por um dos principais nomes do YouTube brasileiro. Whindersson Nunes criou seu canal em 2013 e já postou mais de 300 vídeos.

Com 40,3 milhões de inscritos, Whindersson já chegou a ocupar a cadeira de maior canal do YouTube no Brasil. Seu conteúdo vai desde paródias, vlogs até músicas próprias e tem mais de 3 bilhões de visualizações.

### 3º LUGAR – FELIPE NETO

Provavelmente você já ouviu falar do Felipe Neto em algum lugar, afinal seu canal existe desde 2006. É o mais antigo dessa lista e conta com 39,1 milhões de inscrições.

Inicialmente o conteúdo do seu canal consistia em vídeos com opiniões sobre os assuntos mais diversos, o que fez de Felipe um dos primeiros youtubers brasileiros de sucesso.

Atualmente, seu canal tem foco no público adolescente e já ultrapassa 10 bilhões de visualizações e aborda os mais diversos temas, como: jogos, celebridades, política, etc.

Fonte: Captura de tela feita pelos autores<sup>11</sup>

Primeiramente, é preciso entender as forças e relações entre as sociedades tipográficas e pós-tipográficas. Os estudos de letramentos digitais, multiletramentos e novos letramentos são propícios a essa empreitada. Em segundo lugar, talvez seja importante buscarmos conhecimentos filosóficos que nos instiguem a pensar caminhos outros: “há uma tarefa filosófica ainda mais urgente, a saber, realizar análise crítica das diferentes abordagens dos estudos sociais, com o fim de detectar as razões de seu lento progresso, comparado com o progresso avassalador das ciências naturais” (BUNGE, 2002, p.124 – tradução dos autores). Em terceiro lugar, é preciso nos desafiarmos com questionamentos (a nós mesmos), mesmo que não tenhamos respostas imediatas: Por que a educação insiste em permanecer tipográfica, linear e fragmentada? Em quais momentos, de nossa própria formação, houve provocações para um desangular de olhares para dentro de si mesmos? A formação proporcionou reflexões, interpretações e atitudes que consideravam

11 Captura de tela disponível em <https://www.camilaporto.com.br/maiores-canais-do-youtu-be/>. Acesso em: 28 jan. 2020.

desejos, emoções e sentimentos? Extrapolavam visões racionalizadas? Ofereciam outras categorias de análises para além das reprodutivistas? É possível encontrar na crítica das redes sociais e seus influenciadores, um olhar para dentro de nós mesmos não apenas como sujeito assujeitado pelas máquinas?

Há que se considerar que ser/estar, querer ou torna-se professor(a) é uma escolha individual constituída por inúmeros fatores, mas apreende-se, por inúmeras possibilidades oferecidas, que o sujeito que a escolheu tem dentro de si um propósito ético e cidadão além daqueles reforçados em favor do capital e poder. Assim, os pensamentos de Duboc (2020) trazem um pouco de alívio e fortalecimento para o que se propôs nessa discussão, em um texto no qual a pesquisadora, de forma potente e autocrítica, transborda uma subjetividade rara na academia, por meio de uma experiência profissional na qual sua armadura—mulher e pesquisadora, foi desestabilizada:

Naquele momento, eu, tão centrada e tão ávida pelo início do seminário, desabei num pranto incontrolável. Olhos embaçados já não enxergavam a Abayomi que minhas mãos trêmulas confeccionavam. O choro tomou conta do meu corpo e eu fui, momentaneamente, transportada para um território outro, para um corpo outro, para uma musicalidade outra. Até o momento, nem a cognição, nem a razão, tampouco a epistemologia dominante conseguem explicar-me o episódio por mim vivenciado, o meu ponto de virada marcado por aquele pranto incontrolável (DUBOC, 2020, p. 172)

Resumidamente, inspirados em Ana Paula Duboc, quisemos provocar um questionamento onto-epistemológico, simultaneamente individual e coletivo, trazendo nossos desejos de resistência e transformação em relação a alguns discursos da era digital. Embora os discursos das redes sociais sejam mormente excluídos do contexto educacional, o papel da linguagem ali transborda as camadas mais superficiais

do humano, num movimento de reconhecimento da centralidade e poder da linguagem no funcionamento de máquinas desejanças. Os discursos dos influenciadores digitais supracitados nos levam a compreender as neoterritorializações, todas proporcionadas criativamente e contextualmente via linguagens. Ao mesmo tempo (e aí talvez more o perigo), esses discursos são atividades massivas e de imenso alcance; eles são favoráveis ao mercado e à lógica neoliberal e podem promover acriticidade, manipulação e doutrinação. Conforme ressaltamos, esses discursos prestam um desserviço a sociedades que se propõem como éticas e sorvidas de cidadania ativa e participativa. E é por isso que as redes sociais, os influenciadores digitais e seus discursos devem estar presentes nas agendas e nas discussões escolares: é preciso, desde cedo, apresentar às crianças e adolescentes, e também aos adultos em formação docente, todas as possibilidades ofertadas pelo educar na era digital.

### **Considerações finais – Não há fim, tudo parece ser processo!**

Ainda que nos labirintos da infinita e sombria floresta do reino digital, muitos pesquisadores, educadores e professores caminhem munidos das ferramentas disponíveis em cada contexto, isto parece não ser suficiente para se criar novas trilhas (novamente, a pandemia da COVID nos mostrou que trilhamos os caminhos conhecidos e muitas aulas foram transpostas do presencial para o digital). As recorrências discursivas–nas salas de convivência, nos conselhos de classe, nas discussões acadêmicas, de professores desgastados, desesperançosos, desestimulados, desapontados, entre outros adjetivos–requerem ser revertidas em discursos mais leves, nesse complexo emaranhado, social, político, econômico e pessoal. Convidamos você, leitor, para o acesso, na e pela linguagem, ao que ainda parece temido nas formações: nós mesmos, constituídos de diferenças, mas unidos a favor de um projeto educacional.

O instante em que vivemos exige disposição para buscarmos dentro de nós mesmos coragem e energia para que possamos promover uma educação alinhada às práticas sociais que prevejam e lutem por mais equidade econômica social.

Os desafios parecem ser inesgotáveis, as interpretações são inúmeras, mas para um coletivo que acredita num futuro sustentável mediado pela educação, ficam os seguintes questionamentos: Quantos de nossos futuros professores são influenciados por discursos que reforçam padrões, extrapolam limites éticos e morais? Se estamos dispostos a re-existir e provocar (des)construções que proporcionem um mundo menos desigual, travar uma luta pela educação linguística (em línguas maternas e estrangeiras) e promover uma formação de professores que reverbera nas escolas de modo a contribuir para uma educação pautada pela cidadania, ética e convívio com a diferenças, o quanto ainda temos que compreender das lógicas massificantes, verticalmente estruturadas e que reforçam aquilo que nos empenhamos em combater? De que forma temos lidado com elementos que extravasam a linguagem e atingem as camadas da subjetividade não contempladas pela nossa herança racional? Devemos ignorar o poder concedido e legitimado aos influenciadores? Devemos apenas tê-los como produtores de objetos a serem analisados?

Portanto, enquanto se pensa nos próximos *stories* para o Instagram, parece ainda complicado o entendimento dos desejos que nos levam subjetivamente e coletivamente a postar tais *stories*. Tomara que ainda haja tempo para cantarolar, tranquilamente, os versos do *Foo Fighters* mencionados no início deste texto, não apenas como desejo, mas como atitude, possibilitando um outro viver nas relações que temos com nós mesmos e reverberam naquilo que fazemos como professores.

## Referências

ARENDDT, H. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. Tradução Roberto Raposo. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BARAD, K. *Meeting the universe halfway: Quantum physics and the entanglement of matter and meaning*. Durham, NC: Duke University Press, 2007.

BRASIL. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Ministério da Educação. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_01\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf) Acesso em: 09 de jul. de 2021.

- BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_01\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf). Acesso em: 04 out. 2021.
- BUNGE, M. *Ser, saber, hacer*. Editorial Paidós Mexicana, 2002.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2011 [1968].
- DUBOC, A.P.M. Atitude decolonial na universidade e na escola: por uma educação outra. In: ANDRADE, M.; ROSA, M. (Org.). *(De)Colonialidades na relação Escola-Universidade para a formação de professoras(es) de Línguas*. Campinas: Pontes, 2020. p. 151-178.
- FERNANDES, F. O que é TikTok? Conheça o app mais baixado que Instagram e Facebook nos EUA, 2018. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/11/o-que-e-tiktok-conheca-o-app-mais-baixado-que-instagram-e-facebook-nos-eua.ghml> Acesso em 30 abril 2022.
- FONSECA, F.F.A. O samba de uma nota só no pensamento de Slavo Zizek. *Revista Dialectus*, n. 9. Dossiê Slavo Zizek, 2016. p. 26-45.
- FOUCAULT, M. Prefácio (Anti-Édipo). In: FOUCAULT, Michel. *Repensar a política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 103-106.
- FREIRE, P. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.
- FURTADO, R. M. *Os diálogos do cotidiano nas redes sociais: a liquidez discursiva nos memes*. Tese (Doutorado) – PPGEL, Universidade Federal do Espírito Santo, 2019. 219p.
- KRESS, G. *Literacy in the New Media Age*. London: Routledge, 2003.
- LEANDER, K. e BOLDT, G. Rereading “a pedagogy of multiliteracies”: Bodies, texts, and emergence. *Journal of Literacy Research*, v. 45, p. 22-46, 2013. DOI:10.1177/1086296X12468587
- MENEZES DE SOUZA, L. M. T. Para uma redefinição de Letramento Crítico: conflito e produção de significado. In: MACIEL, R. F. e ARAÚJO, V. A. (Org.).

*Formação de professores de línguas: ampliando perspectivas*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011. p. 128-140.

MENEZES DE SOUZA, L. M. T. Multiliteracies and transcultural education. In: GARCIA, O.; FLORES, N.; SPOTTI, M. (Ed.). *The Oxford Handbook of language and society*. Oxford University Press, 2017.

MORIN, E. *A cabeça bem-feita*. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

MIGNOLO, W. D. Novas reflexões sobre a “idéia da América Latina”: a direita, a esquerda e a opção descolonial. *Cad. CRH* [online]. v.21, n.53, p.237-250, 2008a. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-49792008000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792008000200004&lng=en&nrm=iso). ISSN 1983-8239. Acesso em: 31 jan. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792008000200004>.

MIGNOLO, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Tradução de Ângela Lopes Norte. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n. 34, p. 287-324, 2008b.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. S; MENESES, M. P. (Orgs.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 84-130.

TAYLOR, C. A. Is a posthumanist Bildung possible? Reclaiming the promise of Bildung for contemporary higher education. *Higher Education*, v. 74, 2017. p.419–435.

Žižek, S. *O mais sublime dos histéricos: Hegel com Lacan*. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

Žižek, S. *A marioneta e o anão: o cristianismo entre perversão e subversão*. Trad. Carlos. Correia Monterio de Oliveira. Lisboa: Relógio D'Água, 2006.

Žižek, S. *Como ler Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.